

ANGÚSTIA E SOCIEDADE NA OBRA DE S. FREUD¹

Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto*
Viviana Carola Velasco Martínez#

RESUMO. Busca-se expor cronologicamente a construção do conceito de angústia (*Angst*) em Freud para, em seguida, relacionar essa *démarche* ao estabelecimento das teorias sociais nesse mesmo autor. Conclui-se que Freud só pôde construir uma teoria genérica da cultura e sociedade quando pôde relacionar o sentimento de desamparo (*Hilflosigkeit*) humano com desamparo infantil. Isso, por sua vez, só teria sido possível a partir de 1926, quando da publicação de “Inibição, sintoma e angústia”, onde o autor explica a angústia como reação ao perigo.

Palavras-chave: teoria psicanalítica; psicanálise; angustia.

ANXIETY AND SOCIETY IN S. FREUD’S WORK

ABSTRACT. This text aims to expose chronologically the construction of the concept of anxiety in Freud for, soon after, to relate that *démarche* to the construction of the author’s social theories. The main conclusion is that Freud can only build a generic theory of culture and society when he can relate the generic human feeling of helplessness (*Hilflosigkeit*) with the infantile state of helplessness. It was made possible only from 1926 on, after the publication of “Inhibition, symptom, and anxiety”, where the author explains the anxiety as a reaction to danger.

Key words: psychoanalytical theory; psychoanalysis; anxiety.

O que se propõe aqui é examinar o conceito de angústia, na obra inteira de Freud, interrogando-se, ao final, qual seria a sua importância para a formulação da teoria da cultura nesse mesmo autor. Sustenta-se que o que se tem como segunda teoria freudiana da angústia, aquela que aparece em “Inibição sintoma e angústia” (1926/1991) — e que o próprio Freud opõe ao que expusera na Conferência XXV (1927/1991) — permitiria, daí em diante, articular entre si idéias formuladas isoladamente, em momentos diversos da obra de freudiana. Tais idéias seriam principalmente a de desamparo da criança, de um lado, e a representação filosófica de desamparo humano em geral, de outro. Trata-se, pois, de “pôr em movimento” as idéias de Freud, ao mesmo tempo em que se capta o movimento que o próprio criador da psicanálise nelas imprime quando da sua construção.

Na primeira parte, intitulada “Angústia na neurose e na teoria”, apresenta-se/reconstitui-se o percurso da teorização freudiana da angústia que, de não-psíquica, reação física, tóxica, passa, em 1926, a se constituir em reação ao perigo e, portanto, do domínio do psíquico, o que pode considerar-se uma segunda teoria da angústia. Essa mudança conceitual em Freud é bastante conhecida; entretanto, o que se busca aqui apresentar é um seguimento atento e detalhado dos textos. O que se propõe, dentro dos limites deste artigo, gira em torno de mostrar os detalhes dessa construção, cada pedra que a compõe, as suas peculiaridades, os seus detalhes curiosos, por vezes monótonos, ambíguos e repetitivos quando observados isoladamente, mas fundamentais ao acabamento da obra.

¹. Este artigo surge a partir da investigação empreendida pelo professor Mello Neto, no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, entre 1997 e 2000 (Mello Neto, 2000).

* Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Doutor em Psicologia.

Endereço para correspondência: Prof. Ney Marques, 21, Jardim Universitário, 87020-300 Maringá, PR. E-mail: gammneto@uem.br

Professora Assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Doutoranda em Psicologia. E-mail: vcvmartinez@uem.br

ANGÚSTIA NA NEUROSE E NA TEORIA

O exame da obra de Freud leva a perceber que, antes de 1926, a angústia não é vista como motor do recalçamento. Não é ela que o causa. Como já se vai apontar, ela seria então um produto ou subproduto, embora possa ser por vezes utilizada como auxiliar nesse processo.

O que é que, até então, cria o motor do recalçamento?

No “Projeto de Psicologia” (1896/1991, vol. I, p. 365), o autor fala-nos da vivência da dor. A experiência da dor em si seria provocada por uma estimulação vivida como excessiva pelo aparato nervoso, haveria uma quantidade invasiva de estímulos. E isso deixaria marcas, de tal maneira que haveria reprodução dessa vivência. O que ocorreria nessa reprodução não seria essa experiência de invasão e excesso em si, mas uma certa quantidade investiria a recordação. Essa última seria da ordem de uma percepção, mas de uma percepção que foi — no passado — capaz de provocar a vivência da dor em si. É a reprodução da vivência desagradável que Freud, nesse momento, nomeia afeto. Mas também haveria a vivência agradável, de satisfação, e a sua reprodução seriam os estados de desejo. Nesses estados haveria atração por um objeto, que é investido como causa do prazer, enquanto na reprodução da dor haveria repulsa ao objeto, o que Freud chama aí defesa primária ou recalçamento. Trata-se da situação em que o processo de pensamento buscava a situação originalmente de satisfação, portanto, estado de desejo, mas o que se ativou foi a reprodução da vivência da dor. O resultado é que a imagem/recordação hostil, causa da dor, é desinvestida e um objeto não hostil é posto no lugar. Esse objeto, por sua vez, fica como sinal do término da dor e o aparato neuronal fica instruído a reproduzir o estado que determinou o fim da dor, isto é, o recalçamento.

Isso é justamente o que vai ser dito da angústia em 1926. Ela surgirá aí no lugar da dor e a sua reprodução será o sinal para que o recalçamento seja ativado — angústia-sinal. Mas não é isso o que se diz dela nesse momento da teoria, nos anos 1890.

No Manuscrito E, de 1894, aponta-se o tema da abstinência sexual² como causa da angústia. Ela ocorreria devido a um acúmulo de tensão sexual, de tal maneira que a angústia da neurose de angústia surgiria como resultante de uma transformação direta dessa tensão. Em torno desse texto e do Manuscrito G

(1895/1950/1991) ressalta-se a referência feita por Freud à melancolia. Assinala-se, aí, uma certa equivalência, pois como na neurose de angústia, haveria, também na melancolia, um acúmulo de tensão, mas seria tensão psíquica, de amor. No entanto, o recolhimento psíquico, na melancolia, produziria dor: trata-se de um luto. Se o angustiado sofreria de sua libido transformada “fisicamente” em angústia, o melancólico sofreria do lamento da perda de sua potência sexual.

O que se indica nessa comparação freudiana é a *negatividade* implícita: na neurose de angústia ela está na *falta* de ligações psíquicas da sexualidade e, na melancolia, na *perda* das ligações. Isto é, a angústia (neurótica), mesmo explicando-se pelo excesso (excesso de libido não descarregada), em última instância explica-se pela falta (de ligações).

No Manuscrito B (1893/1950/1991), ainda, Freud estabelece uma relação entre excitação sexual retida e neurose de angústia; no Manuscrito F (1894/1950/1991, vol. I), apresentam-se alguns relatos clínicos supostamente ilustrativos. Tudo isso aparecerá de forma mais sistemática em “Sobre a justificação de separar da neurastenia uma determinada síndrome na qualidade de neurose de angústia”, de 1894-95 (1991, vol. III). Aí, é possível indicar uma outra analogia freudiana. Trata-se da comparação da angústia da neurose de angústia com a angústia enquanto afeto (normal). Esta última seria resultante de uma excitação exógena, enquanto a neurose de angústia seria resultante de uma excitação endógena, em que se comporta como se estivesse projetada para fora. O interessante está em que, nessa analogia entre mundo interno e externo, um contamina o outro, como em todas as analogias³. Entretanto, note-se que há algo que não se contamina: se na angústia normal há sentido, o sentido de perigo, e ele é psíquico, na angústia neurótica não há sentido. A falta de sentido é o que qualifica, então, a neurose de angústia como neurose atual e não como psicose, visto que essa última é psíquica: plena de sentidos.

É nesse momento da teorização freudiana, assim, que se pode assinalar uma primeira entrada nos problemas do social (e sua relação com a angústia). Trata-se, no Manuscrito B (1893/1991, vol. I), de propor uma profilaxia das neuroses, que seria

². Abstinência situacional: das virgens, das viúvas, dos moralistas, do *coitus interruptus*, etc..

³. Note-se que o sentido de afeto aí é bem pouco definido e parece confuso. Aponta-se, aqui, também, a importância das analogias em Freud, primeiro da angústia com a melancolia, depois da angústia da neurose de angústia com a angústia como afeto. Tantas outras Freud irá fazer em sua obra, a analogia é algo a que ele recorre constantemente, enquanto recurso metodológico da sua investigação.

alcançada através de uma maior liberdade sexual. Este é um social ainda muito externo à teoria psicanalítica.

Nosso percurso conduz-nos, pois, a “Interpretação dos sonhos” (1900/1991, vol. IV e V). Ali a angústia ainda tem como explicação a transformação direta de libido. Nos sonhos, a angústia, para Freud, proviria também da sexualidade não utilizada, como na neurose de angústia, portanto de algo sem significado. Não obstante, ela seria apropriada pelo processo repressivo e utilizada contra a realização onírica do desejo. Um exemplo seria a realização de um desejo sufocado que nos aparece na forma de sentimentos desagradáveis (angústia). O nascedouro da angústia teria sido ou a abstinência ou a inibição sexual. Mas, agora, ela seria utilizada como defesa contra a realização de desejo, entretanto, ao fazê-lo, ela em si acaba representando um desejo realizado. Pode-se considerá-lo como uma espécie de angústia “em segundo grau”. Em segundo grau como uma angústia que, não tendo sentido no seu nascedouro, acabou por tomá-lo e tornar-se, no sonho, uma angústia-pretexo, pretexo para o recalçamento e, ao contrário, símbolo da realização. É dessa maneira que angústia e recalçamento agora se unem e a primeira aparece como *sinal* do segundo, ao mesmo tempo em que é representação da realização do desejo. Esse modelo, que Freud constrói a partir dos sonhos, será aquele que servirá para a **psiconeurose**⁴ — o que é diferente da neurose de angústia, enquanto uma neurose atual. Essa angústia, como sintoma neurótico e enquanto angústia em “segundo grau”, surgirá como solução de compromisso entre duas tendências: uma do inconsciente, que deseja, e, outra do pré-consciente, que sufoca o desejo⁵. A angústia indicaria, assim, no sonho e na fobia (psiconeurose), a realização fantasiosa do desejar, mas também o papel do recalçamento, i. e., indicaria que algo foi convertido em desprazer, pelo sufocamento do afeto e da representação a ele correspondente. Neste ponto é preciso indicar novamente a similitude da angústia, da “Interpretação dos sonhos”, com a dor do “Projeto..”.

4. Entendamos psiconeurose como aquela que se vale do recalçamento, visto que atinge ligações psíquicas, carregadas de sentidos. Neuroses atuais, diferentemente, estariam mais relacionadas a fatores não representacionais, não psíquicos, e, na maior parte das vezes, situacionais. Esse último é o caso da neurose de angústia, quando Freud a explica pelo *coitus interruptus*, por exemplo; ou é o caso também de uma neurastenia explicada pelo excesso de masturbação. Evidentemente, essas explicações são muito antigas.

5. Nesse período de teorização, Freud ainda localiza a defesa no Pr-Cc. Lembremo-nos que, em “O Eu e o isso” (1923/1991), a defesa também será localizada no Ics.

Ao designar, ambas, o desprazer e o perigo, acabam tendo função de *sinal*. É assim que podemos ver novamente que a idéia de angústia-sinal existe bem antes de ser nomeada em 1926. Evidentemente, ainda podemos encontrar, nesse modelo de angústia em segundo grau, a idéia de não-emprego de excitação sexual e, por isso, a sua transformação em angústia. Mas, para além disso, é preciso indicar o que seria uma segunda equação freudiana da angústia (nas psiconeuroses): uma transformação de uma moção libidinal em angústia, mas agora mediada pelo recalçamento. Não se trata, diz o pesquisador, de um novo modelo, diferente daquele da neurose de angústia. O modelo é o mesmo, o da não-descarga, mas na psiconeurose e no sonho o recalçamento é o seu grande responsável, tanto quanto a abstinência na neurose de angústia⁶.

Enfim, ainda estamos no plano do negativo, da falta. Se na neurose de angústia, como neurose atual, falta o psíquico, na psiconeurose falta um elo, falta algo que foi suprimido do PrCc pelo recalçamento. No lugar dessa falta gera-se a angústia: se há falta de um lado, bem possivelmente há excesso de outro.

É ainda na apresentação de um desses sonhos de angústia sem conteúdo sexual aparente que Freud vai referir-se ao que mais tarde deu o nome de cena primitiva.

A cena primitiva permite fazer referência à idéia freudiana da sedução, tomando-a como pretexo para apontar uma outra analogia: entre a angústia gerada frente à própria excitação, diante da cena observada, e a angústia gerada pela abstinência sexual, na neurose de angústia. A criança espectadora da cena primitiva seria, em termos econômicos, uma espécie de excitado abstinente. Faltam-lhe todos os meios de descarregar essa excitação. Entre esses meios estão as representações — conhecimentos — que permitem compreender o que lhe passa a excitação. É desse modo que se tem o excesso. Na falta de ligações a representações, a excitação sexual surge como um excesso que ultrapassa o sujeito e sua capacidade de “metabolização” psíquica.

Na *Traumdeutung*, aponta-se, ainda, outro tipo de angústia, a angústia infantil frente à autoridade parental, que, misteriosamente, parece não corresponder à idéia de transformação direta da libido, como na neurose de angústia. Será essa angústia infantil que terá o seu lugar de destaque no pensamento freudiano nos anos 20 e na segunda tópica.

6. Ver nota 5.

É também nesse momento que Freud relaciona, pela primeira vez, a angústia ao nascimento, e este último, como se sabe, vai aparecer na 25ª Conferência (1917/1991, vol. XVI) como modelo do afeto de angústia em geral.

Continuemos o percurso. Até 1926, a explicação da angústia permanece inalterada. Contudo, propõe-se aqui mostrar alguns “detalhes curiosos” desse percurso, mesmo que passando rapidamente por eles. Tem-se, assim, uma breve referência à angústia de morte numa nota manuscrita por Freud sobre um exemplar de “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901/1991, vol. VI); no “Caso Dora” (1905/1991, vol. VII), a angústia aparece como resultante de uma transformação do prazer em desprazer; e também teria surgido frente à cena primitiva. Já em “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905/1991, vol. VII), surgem bem poucas referências que Freud faz a angústia, ainda ligada à excitação sexual. Em “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” (1906/1991, vol. VII), ressalta-se a idéia da angústia enquanto libido não utilizada como produto tóxico por analogia a certas doenças; em “O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen” (1907/1991, vol. IX), a angústia novamente aparece como substituição da excitação sexual. Nesses detalhes curiosos, o que vemos é uma espécie de aplicação do modelo de angústia em “segundo grau”, que vimos em “Interpretação dos sonhos”.

Em “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/1991, vol. IX), surge, enfim, algo aparentemente novo na obra freudiana: o sentimento de culpa e, sobretudo, a angústia expectante como componente oculto do ato obsessivo, elementos importantes porque reaparecerão na teoria da cultura. Vimos que a angústia da neurose de angústia era explicada pela libido não utilizada. A angústia moral surge, agora, explicada através de um modelo parecido, mas como inibição/sufocação, não das pulsões libidinais, mas egoístas. Pergunta-se, então, se isso não dessexualizaria a angústia e, ao fazê-lo, criaria uma duplicidade de explicação para a angústia, trazendo confusão para a teoria.

Acerca de “Análise da fobia de um menino de cinco anos” (1909/1991, vol. X)⁷, sublinha-se a introdução da idéia de angústia de castração. Mas é interessante que está ali, ainda, a explicação do surgimento da angústia pelo recalçamento de elementos libidinais. Essa angústia, assim resultante, irá encontrar objeto, o objeto fóbico, que no caso de

Hans é o cavalo. Todavia, o que teria provocado o recalçamento da libido teria sido a ameaça de castração, também sentida como angústia. Se é assim, a angústia estaria como causa do recalçamento e não como resultado. Mesmo assim, para Freud a angústia neurótica de Hans continua sendo produto do recalçamento libidinal. Isso faz com que se pense em duas naturezas de angústia, neste momento da teorização freudiana, a neurótica e aquela frente ao real — levando-se em conta que, para Freud, a ameaça de castração é real —, embora Freud relute em estabelecer essas duas naturezas. Do mesmo modo que no caso do Pequeno Hans, em “O homem dos lobos” (“Da história de uma neurose infantil”, 1918/1991, vol. XVII), a angústia de castração aparece antecedendo e sendo a provocadora do recalçamento. Isso é importante porque esses dois casos serão retomados em 1926, justamente para propor a angústia como causa. Mas, se se quer, nesses dois casos, além da angústia de castração, o que Freud está introduzindo é a oposição entre angústia neurótica e angústia realista.

É na Conferência XXV, um momento importante da teoria, que Freud não só busca sistematizar tudo o que disse sobre a angústia, mas sobretudo disserta sobre essa oposição. Antes, porém, seguindo a ordem cronológica, examina-se algo de “Para introduzir o narcisismo” (1914/1991, vol. XIV). Trata-se apenas de um pequeno trecho. Diz respeito à idéia freudiana de a libido homossexual transformar-se em angústia social, herdeira da angústia frente aos pais. Isso é muitíssimo interessante porque relaciona, enfim, angústia moral e angústia de libido. Entretanto, tal como ocorre no Pequeno Hans, Freud ainda não o relaciona com angústia frente à castração. Embora todos os elementos teóricos já estejam ali, deverão esperar pelo menos dez anos para plenamente porem-se em relação.

Na “Conferência XXV” (1917/1991, vol. XVI), por seu lado, Freud não somente renderia contas de toda a sua teorização sobre a angústia, mas algo novo parece ser também introduzido. Trata-se da angústia realista ou angústia diante do real, sobre a qual Freud nunca teorizara de fato. O criador da psicanálise continua, aí, a considerar o modelo da angústia de libido, da neurose atual, como referência para explicar a angústia nas psiconeuroses, através do seu desdobramento no recalçamento, o que já foi visto. Entretanto, ao introduzir a *Realangst*, como conciliá-la com a angústia de libido? Para fazê-lo, é preciso que Freud introduza o *eu* que, diante da libido excessiva, reage como na intenção de fuga frente a um perigo,

⁷ O caso do “Pequeno Hans”.

nesse caso interno, regido pela pulsão de autoconservação⁸. A formação do sintoma, então, referir-se-ia a uma espécie de atitude de defesa diante do perigo libidinal — interno — comparável a um perigo externo. Se a angústia — *Angst*; medo — nesse último caso surgiria como sinal (de perigo, justamente), porque não o faria também em relação ao interno? Mas Freud não se contenta com essa resposta. Mesmo opondo angústia neurótica a *Realangst*, a explicação da angústia neurótica como angústia pulsional tóxica será estendida às angústias infantis e, então, a todas as angústias, segundo a leitura dos autores deste artigo. Isso de tal maneira que na Conferência seguinte, a XXVI (1917/1991, vol. XVI), Freud afirmará que a angústia — o medo — não serve nem mesmo como sinal de perigo, isto é, não é em nada adaptativa. Dirá então que a angústia é sempre pulsional e não tem nada a ver com autopreservação, diferentemente da fuga ou enfrentamento. Esses últimos nada teriam a ver com libido, nem mesmo com a libido narcísica, mas com o interesse do *eu*, isto é, com as pulsões egoístas. Sabemos que isso vai mudar, pois em “Além do princípio do prazer” (1920/1991, vol. XVIII), Freud reduzirá o “interesse do eu” ao narcisismo. No entanto, o que importa é a idéia de que, durante muito tempo ainda, ele manterá essa ambigüidade: a convivência da idéia de perigo, mesmo como perigo pulsional, na expressão da angústia, com a idéia de que a angústia, seja qual for, é produto tóxico, sem função (embora possa ser reapropriada pelo sintoma, tornando-se uma angústia de segundo grau). Pode-se considerar que, mesmo trazendo confusão, essa ambigüidade é também um passo teórico importante, porque unifica as angústias e, portanto, unifica a teoria: a *Realangst* e a angústia neurótica passam a se explicar de uma maneira só.

Em “Além do princípio do prazer” (1920/1991, vol. XVIII), tem-se a retomada da teoria do trauma e aí começa a esboçar-se um novo modelo, sobre o qual será feita a reformulação da teoria da angústia, que, em “O eu e o isso” (1923/1991, vol. XIX) já aparecerá como angústia adaptativa, tendo o *eu* como a sua sede. Vejam-se aí as três angústias do *eu* resultantes de suas “vassalagens”: em relação ao mundo externo, ao *isso* e ao *supereu*. Entretanto, o que vem de mais importante

é a idéia do eu como sede da angústia e, se se trata do eu e não do *isso*, entra em conta o perigo.

Estamos, então, próximos da segunda teoria da angústia. Até aqui, de algum modo está-se convidado a imaginar a angústia, apesar do esforço de Freud em mantê-la “tóxica”, *como se fosse* adaptativa já desde o “Projeto...”; e isso viu-se quando se falou da dor, ou quando se fez referência a *Traumdeutung*, onde a angústia é já vista como sinal, ao ser apropriada pelo recalçamento. Ou, ainda, quando ela aparece ligada ao real e à castração e, mesmo, quando o nascimento vai ganhando força explicativa, embora o seu sentido seja puramente econômico. Isso não deixa de chamar a atenção para a possibilidade de pensar esse ato inaugural da angústia como a via para a representação e para o simbólico. Para os autores deste artigo, apesar da insistência de Freud, a angústia é, de certo modo, algo psíquico o tempo todo na obra de Freud, isso pela substituição e deformação, e diz respeito a um significante, um significante-sinal, ou angústia em segundo grau. É psíquica e não é, mantendo-se ambígua na obra. Um exemplo interessante de ambigüidade é aquela que existe entre neurose de angústia e histeria. O tempo todo Freud sabe que está correndo o risco de chegar a saber que a neurose atual não existe e que a respiração ansiosa do neurótico de angústia é reprodução simbólica, em seu próprio corpo, do coito e, portanto, histérica (no Manuscrito G, por exemplo). Não é gratuito o fato de Freud dizer, na Conferência XXV (1917/1991, vol. XVI) e no chamado “manuscrito perdido” (1915/1987)⁹, que o

⁸. Portanto, pelas pulsões ditas, nesse momento da teoria, egoístas. Pode-se pensar que os dois tipos de pulsão estão em relação aí. De um lado, a produção da angústia neurótica dá-se, pelo excesso, numa base libidinal. De outro, surge como angústia somente ao ser sentida pelo eu como perigo, portanto no plano das pulsões de autoconservação.

⁹. Trata-se de “Neuroses de transferência; uma síntese”, possivelmente redigido entre 1914 e 1915. Nesse texto, Freud faz uma espécie de escala cronológica do aparecimento das neuroses, as ditas de transferência e as ditas narcísicas. A primeira com possibilidade aparecer, a mais tenra, seria histeria de angústia, em seguida, a histeria de conversão, depois, a neurose obsessiva, a esquizofrenia, a paranóia e, enfim, a melancolia. Essa seqüência do aparecimento na vida do sujeito, seria inversa à ordem de fixações. Quanto mais tardio o aparecimento, mais precoce e primitiva a fixação e, portanto, mais grave a enfermidade. Essa seria uma seqüência ontogenética. Inspirado, contudo, em Ferenczi, Freud pensa em remeter essa mesma ordem, com a mesma direção cronológica, ao filogenético, i. e., a supostos momentos pré-históricos de aquisição da disposição psíquica existente em cada uma dessas patologias. O que interessa aqui é apenas a primeira, a histeria de angústia. Aí, o autor traz a idéia, referenciada a Fritz Wittels, de que o primata ancestral teria vivido num ambiente extremamente satisfatório, até que o destino geológico da Terra e, principalmente, as glaciações, teria forçado, pela estimulação (privação), a criação de vida cultural. Mas, frente a essa privação, a, talvez, digamos, essa destruição do paraíso, o Homem tornou-se um ser angustiado e essa angústia seria evidentemente realista. Ela

afeto em geral e, portanto, também a angústia, seria uma espécie de sintoma histórico da humanidade, pois teria sido adquirido, simbolizado e reproduzido. Mesmo que se possa aceitar a validade da idéia da existência de uma neurose atual de angústia, de uma angústia não psíquica, o que de fato se torna importante na teoria freudiana é a psiconeurose, e é sobre ela que se ergue o arcabouço freudiano. Ora, aí a angústia que importa é de segundo grau e, portanto, simbólica. De que serviria, então, uma suposta angústia pura? De nada, a não ser como elemento mítico do trauma, e aí estamos em pleno terreno da segunda teoria da angústia.

Para expor essa segunda teoria, tomemos “Inibição, sintoma e angústia” (1926/1991, vol. XX) como texto central.

A segunda teoria parece recobrir inteiramente a primeira, de tal maneira que não é mais possível explicar a angústia como libido tóxica, tal como Freud o assinala na Conferência XXXII (1933/1991, vol. XXII). Agora, o eu é que assume um lugar de absoluto destaque. Ele é inibido, em várias circunstâncias, como medida de prevenção contra a angústia, para assim evitar conflitos com o *id* ou com o *supereu*. Ele é também responsável pelo recalçamento, provocando o sintoma, como substituto de uma satisfação pulsional. Retira a sua força ao iludir o isso, tomando-lhe as energias e produzindo, com elas, angústia, que funciona então para o próprio eu como sinal de perigo (interno). É, portanto, do próprio eu que parte o sinal de angústia, mas é sobre ele mesmo que tal sinal tem efeito, pois ele é a sede das defesas. Aí, é preciso lembrar a idéia de vesícula-organismo, de “Mais além do princípio de prazer” (1920/1991, vol. XVIII), que, devido à angústia, torna-se preparada pela angústia para aparar (ligar) os estímulos invasores. O eu surge, assim, como a metáfora e a metonímia do organismo psíquico,

não teria sido suficiente para destruir os objetos da libido, mas, em situação de perigo, o eu acabaria abandonando muitos de seus investimentos. A libido que então se retiraria dos objetos e seria instalada no eu, transformando-se em angústia, no caso, angústia realista. Note-se que, para esse momento da teorização (1914-1915), mesmo a angústia realista seria produto da libido. Esse seria então o caso da criança atual, que transformaria a libido objetual, em caso de ausência de satisfação, entenda-se ausência da mãe, em angústia realista diante do estranho. Tem-se, com esse manuscrito, primeiro, a idéia de que toda angústia é realista, mas em grande parte a sua realidade seria histórica, no sentido filogenético, e, segundo, que, mesmo assim, está-se ainda na teoria da angústia como produto libidinal. Mas vê-se aí a entrada do eu, como conceito fundamental, e, assim, da angústia realista.

porque o representa e porque seria sua continuidade — talvez se trate de um eu-angústia dirigindo-se para um eu-organismo ou, ainda, um eu-parte dirigindo-se a um eu-todo. É somente assim que pode ser entendido, talvez, esse jogo da angústia como sendo do “eu para o eu”.

É também através dessa metáfora da vesícula que se pode entender a ênfase de Freud sobre o nascimento, como situação traumática e **inaugural** para a angústia. Ora, tratar-se-ia de uma suposta primeira e grande “ruptura” da vesícula-organismo, o que vai se unir, mais tarde, à idéia de recalçamento primário. É desse modo que se pode, talvez, afirmar que em Freud a angústia e o recalçamento originários surgem num mesmo movimento: a ruptura da vesícula que o nascimento simboliza. Pode-se ver aí o retorno da teoria do trauma, não mais de sedução, mas algo mais primitivo e, dessa forma, tanto a angústia, quanto o recalçamento originar-se-iam num mesmo momento mítico, o da ruptura. Mítico, porque fala de incertas origens.

A angústia, em “Inibição, sintoma e angústia” (1926/1991, vol. XX), está estreitamente vinculada ao temor da castração, tal como se verifica no caso do “Pequeno Hans” (1909/1991, vol. X) e no do “Homem dos Lobos” (1909/1991, vol. XXVII). Aí explica-se como a pulsão pode funcionar como perigo para o eu. Se a manifestação pulsional é conseqüenciada pela ameaça de castração — e é da manifestação edípica de que Freud está falando — e essa ameaça está no plano do real, para Freud, o que a pulsão carregará consigo é a ameaça de mutilação do eu. A nova ênfase freudiana sobre o eu é, assim, ênfase sobre a castração. O perigo externo agora é sobretudo o perigo narcísico da castração.

Daí estamos próximos da angústia de morte. Entretanto, ela não teria, para Freud, um significado em si mesma, mas seria uma forma de angústia frente ao *supereu*, derivada, por sua vez, da angústia frente à castração. Essa última, pois, seria resultante de conhecidas experiências de separação, a começar pelo nascimento. Nessa analogia entre morte e separação, está o eu, que reage com angústia frente à ameaça da perda de proteção do *supereu*. Mas, para Freud, o perigo, que é uma idéia psicológica e está no plano da representação, não poderia estar presente no neonato a não ser como situação econômica, a partir da qual se constitui uma genealogia do seu aparecimento e prelúdio do investimento de objeto que terá lugar. Tem-se aí a crítica feita por Freud ao trabalho de Rank, *O trauma do nascimento* (1924/1985), pela impossibilidade de relacionar diretamente a experiência traumática do nascimento a qualquer

angústia. Todavia, o que interessa realmente é considerar o nascimento como a situação mais arcaica, encontrada por Freud, para se referir à ruptura do pára-excitações, da proteção da vesícula.

A mãe, nesse contexto, é o que se lê em “Futuro de uma ilusão” (1927/1991, vol. XXI), será o primeiro pára-excitações do ser humano. Enquanto protetora do bebê, é fácil entender esse “apara-excitações”. Entretanto, pode-se, aqui, extrair de Freud a idéia de que o próprio investimento sexual sobre mãe funciona como pára-excitação, pois organiza a pulsão. Na verdade, isso não é tão explícito em Freud, a idéia de organizadores ou continentes e limites para a pulsão é pós-lacaniana e pós-kleiniana, mas, de alguma forma estaria lá na obra freudiana... É aí que se nos apresenta o objeto-mãe, constituído enquanto tal, como objeto metafórico do pára-excitações, como uma espécie de pele substituta e, mesmo, de um eu provisório; e como objeto metonímico porque é um substituto da situação fetal, pelo seu caráter de continuidade.

Tem-se até como todos os elementos para a explicação da angústia, aquela de “Inibição, sintoma e angústia” (1926/1991, vol. XX), já estavam desenvolvidos no corpo da obra freudiana: na dor do “Projeto” (1895/1950/1991, vol. I); na concepção do nascimento como protótipo da angústia, em nota de 1909 da *Traumdeutung*; no papel da castração no recalçamento, sobretudo no “Caso do pequeno Hans” (1909/1991, vol. X), mas o apego à idéia de angústia sexualmente tóxica teria impedido a possibilidade de criar um laço entre o afeto de desprazer capaz de mover o recalçamento, do “Projeto...”, e a angústia, o medo.

Freud, é possível afirmar, teria demorado muito tempo para efetuar essas mudanças, não obstante a opinião de seus pares, como a de Jones, em 1910, de que a angústia deveria proceder do eu. Mas, por que as teria feito. Sugerem-se dois fatores. O primeiro deles seria a grande provocação que teria sido *O trauma de nascimento*, de Rank (1923/1985), onde perda e separação ocupam um lugar de destaque. O segundo poderia ter sido, quem sabe, um fato social, a Primeira Guerra. É ela talvez, o que tenha levado Freud a situar o perigo e o medo em primeiro plano, influenciado ainda pelo trabalho de seus discípulos.

A esse respeito, tem-se, por exemplo, o trabalho de Ferenczi (1918-1919/1992), intitulado “Dois tipos de neurose de guerra”, que relaciona a idéia de fixação de um movimento ou postura corporal, no neurótico de guerra, ocorrente durante uma situação traumática, com a histeria de conversão, fazendo aí referência a Freud e Breuer. O mais interessante é que o autor húngaro fala justamente do não dominado da situação

traumática e do sintoma da neurose de guerra como tentativa repetitiva de domínio dos estímulos excessivos. A angústia surgirá aí como sinal do reaparecimento da experiência patógena. É interessante ainda que Ferenczi chama a atenção para o estado de desamparo da criança, estágio ao qual o sujeito regressaria, quando frente a uma situação traumática ou acidente. A coisa para que se chama a atenção aqui é o fato de que aí podem ser vistos os elementos da segunda teoria freudiana da angústia: o trauma, como excesso, a tentativa de dominá-lo, a angústia como sinal e o desamparo do ser humano. Note-se, pois, que esse texto de Ferenczi é anterior ao “Inibição, sintoma e angústia”, de Freud.

Quanto à idéias de Rank, mesmo bastante criticadas por Freud, podem ser consideradas parte dessa mesma discussão, onde trauma, medo e acidente estão vinculados às impressões da guerra e da calamidade. Posteriormente e para concluir a exploração da gênese do pensamento freudiano em torno da angústia, o exame da obra revela que, depois de 1926, não só prevalece o modelo de “Inibição, sintoma e angústia” (1926/1991, vol. XX), como também, nas “Novas Conferências” (1933/1991, vol. XXII), Freud descarta a possibilidade de explicar a angústia da própria neurose de angústia como libido não aplicada. E ainda, a pretexto de “Análise terminável e interminável” (1937/1991, vol. XXIII), aponta-se a importância que a angústia acaba por ganhar no processo de defesa e, assim, a ênfase que Freud, desde então, passa a dar ao eu, tanto na teoria quanto na terapêutica.

Enfim, sustenta-se aqui que, apesar da substituição de uma teoria da angústia por outra, ambos os modelos deram seus frutos para a pesquisa das neuroses, dos sonhos e do social. O primeiro modelo explicativo — a angústia como resultante da libido transformada a partir do recalçamento — enfatiza o conteúdo inconsciente, tal como o mostra “Interpretação dos sonhos” (1900/1991, vol. IV e V). Já a angústia como reação ao perigo, a segunda teoria, enfatiza o eu, o mundo exterior e, sobretudo, as defesas, aliás o eu visto como sede das defesas.

Além disso, é preciso observar que a angústia, na obra freudiana, é angústia-sinal desde sempre, seja para o sujeito seja para o observador. Tem ela, então, na obra de Freud, uma função semiológica, de indicador, e, portanto, é instrumento de pesquisa.

É precisamente essa função semiológica da angústia que aqui, se propõe destacar na pesquisa freudiana do social. A hipótese é a de que, havendo

duas teorias da angústia, em momentos diferentes,¹⁰ e havendo textos sobre o social também escritos nesses dois momentos, seria de se pensar que a teoria social de Freud poderia ter duas direções diferentes, acompanhando uma ou outra teoria da angústia.

Na verdade, essa suposição não foi comprovada em sentido pleno, mas persegui-la permitiu toda uma análise da função da angústia na teoria freudiana do social.

ANGÚSTIA, CULTURA E SOCIEDADE

A escolha é começar de “Totem e tabu” (1913/1991, vol. XIII), embora no presente artigo já se tenha falado algo de “Ações obsessivas e práticas religiosas” (1907/1991, vol. IX) e também de “Moral sexual cultural e nervosidade moderna” (1908/1991, vol. IX).

Acerca de “Totem e tabu”, não é demais afirmar que se trata de um texto sobre a angústia. Notemos que o primeiro ensaio intitula-se “O horror ao incesto” — horror (*Scheu*): medo, angústia. E a angústia, ali, é sobretudo angústia moral, para a qual Freud procura uma origem. Isso é óbvio. Contudo não o é ressaltar que a angústia é o ponto de partida — o tabu como uma exagerada angústia do selvagem frente ao incesto — e a grande questão de “Totem e tabu” — de como seria possível a angústia moral e, a partir dela, a instituição dos valores. Não é difícil ver aí o modelo da neurose, sobretudo da neurose obsessiva. O que há em comum, entre o tabu e essa última, é precisamente uma proibição, uma interdição instalada face ao reconhecimento de um desejo — o incesto —, onde a angústia, na neurose, manifesta-se como defesa ante o perigo ameaçador. O tabu, por sua vez, permite-nos olhar para a natureza da moral: ele é movido pela angústia e esta, por sua vez, deve ser também movida, segundo Freud, por alguma coisa que precisa ser explicada. Trata-se novamente de um desejo, uma ‘tentação’ que, por ser muito intensa e, ao mesmo tempo proibida, exige medidas de interdição com a mesma intensidade. As interdições, assim, revelam por si mesmas o sentido duplo e ambivalente: o desejo de violação da proibição (tabu) e, ao mesmo tempo, o medo de gostar de fazê-lo. Existem aí, ao nosso ver, dois aspectos que interessam: o primeiro é que o primitivo de Freud é, de algum modo, o homem de hoje, ao menos no plano do inconsciente. Dessa maneira, tanto o primitivo quanto o neurótico

¹⁰. O primeiro até 1926, quando da publicação de “Inibições, sintoma e angústia”, e, o segundo, daí em diante, até a morte do autor, em 23/09/1939.

funcionam como metáforas desse inconsciente. Segundo, há lá uma crítica da moral. Trata-se de buscar uma genealogia do imperativo categórico¹¹ e Freud a encontra no desejo como ponto de partida. É interessante que, diferentemente de Kant, em Freud esse imperativo não é uma conseqüência inelutável da razão, mas é pragmático, pois o sujeito deixa de agir mal, pelo menos a princípio, não mais visando a evitar a angústia. A moral não surgiria de qualidades sublimes, mas do encontro do desejo e da proibição, encontro gerador de angústia.

Desejo, proibição, culpa e angústia são os aspectos que aí se ressaltam. Entretanto, tem-se um problema: Freud afirma que o sentimento de culpabilidade — angústia moral —, nas neuroses, é de natureza sexual. Ao fazê-lo, utiliza o modelo da angústia tóxica sendo reapropriada para a defesa. Entretanto, afirma também que, diferentemente da neurose, o mesmo sentimento, o de culpabilidade, no social está ligado muito mais a agressividade e egoísmo do que à vida sexual. Ora, tem-se mais de um modelo de angústia nesse momento? Ainda, como conciliar essas afirmações com o modelo de angústia da Conferência XXV, que reduz mesmo a *Realangst* à idéia de excesso pulsional?

Isso nos leva a outros textos, tais como “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/1991, vol. IX), a “Moral sexual cultural e nervosidade moderna” (1908/1991, vol. IX), a “De guerra e de morte” (1915/1991, vol. XIV) e a “Psicologia de massas e análise do eu” (1921/1991, vol. XVIII). Vejamos esse último.

Sabe-se que, em “Psicologia de massas e análise do eu” (1921/1991, vol. XVIII), Freud afirma que o que mantém unidas as massas seria a libido ou pulsões ligadas ao que denominamos de amor, amizade, amor filial, amor romântico, parental, à humanidade e às idéias. Aí, a libido teria sido desviada do seu objetivo sexual final, resultando no que Freud denomina, em “Três ensaios...” (1905/1991, vol. VII), de corrente terna, amor dessexualizado. Isso é o que estaria subjacente à “alma” das massas. Explicam-se aí as neuroses como fenômenos anti-sociais, pois a sua meta é sexual e não desviada, embora recalçada. No

¹¹. Como se sabe, o imperativo categórico, por oposição ao imperativo hipotético — e um imperativo é uma regra designada em um “deve ser” — é aquele que não é obedecido pelos efeitos de prazer-desprazer, pelos seus ganhos empíricos e práticos, como o é o hipotético, mas é um efeito da razão pura sobre a Vontade. Não são empíricos, são a priori, e não são subjetivos, isto é, não dependem de cada sujeito, mas são puramente objetivos, para todos e, portanto, são leis (Ver Immanuel Kant, s. d., cap. I, p. 40-41).

entanto, a inibição dessa libido, que estaria na raiz do social, não impede que ela continue sendo pulsão sexual e, portanto, produza angústia, de acordo com o modelo da angústia tóxica. É isso que aparecerá, de algum modo, em “Psicologia de massas e análise do eu” (1921/1991, vol. XVIII), quando Freud afirma que o pânico das massas não é realista, mas resulta da ruptura dos laços afetivos entre os sujeitos, laço esse que “volta” ao sujeito como libido desligada e, portanto, como excesso.

Mas, há uma complicação. Se em “Totem e tabu” (1913/1991, vol. XIII) a angústia neurótica se explica pelo excesso sexual e a angústia moral se explica pelo desejo egoísta e pela agressividade inconsciente, em “Psicologia de massas e análise do eu” (1921/1991, vol. XVIII) têm-se apenas duas possibilidades de angústia: de um lado, a angústia frente ao real — um perigo objetivo que enfrenta um exército, por exemplo — e, de outro, a angústia de libido, resultante da ruptura dos laços afetivos na massa, angústia neurótica. Não há a possibilidade de angústia por excesso de pulsões egoístas, como é explicada a angústia moral, em “Totem e tabu”. Essa última, aliás, viu-se que não tem nada de realista, mas é comparável à neurose obsessiva. A dificuldade estaria, talvez, no fato de que Freud não alcança unificar a teoria da angústia nesse momento: ela advém do excesso pulsional, no sintoma, mas fora do sintoma não; ao mesmo tempo, tal como aparece em “Conferências...”, Freud afirma que a angústia é sempre libidinal e nunca realista, como o seria a ação de fuga..

Pode-se pensar também em outra explicação para essa dubiedade na concepção da angústia neurótica e da angústia moral. No momento teórico de “Totem e tabu” (1912-1913), vale ainda a dualidade pulsões de autoconservação *versus* pulsões sexuais. Ambas são pulsões, portanto, ambas podem estar em excesso e provocar angústia. Isto é, o modelo do excesso vale para os dois grupos pulsionais. Entretanto, ao escrever “Psicologia de massas...”, Freud já subordinou o interesse egoísta, as pulsões de conservação do eu à libido, i. e., ao narcisismo. Esse é o momento de passagem para outra dualidade, a da *libido* versus pulsão de morte. Ora, essa última é pulsão negativa (silenciosa, diz Freud) não se manifesta pelo excesso. É assim que, daí em diante, só a libido pode ser excessiva, e a angústia moral poderá ser explicada pela libido dessexualizada.

Entretanto, o sentimento de culpa, elemento psicológico da moralidade, como uma modificação social da angústia neurótica ou libidinal, já é encontrado em “O interesse pela psicanálise”, de 1913 (1991, vol. XIII), ou em “Para introduzir o

narcisismo” (1914/1991, vol. XIV), quando Freud afirma que essa angústia moral ou social não deixaria de ser uma apropriação de libido homossexual pelo ideal de eu que, pelo excesso, transformar-se-ia em angústia. A partir daí, essa alteridade interna, para a qual se dirige uma libido narcísica e homossexual, vai tomando cada vez mais a forma do pai.

É desse modo que temos de voltar a “Totem e tabu” (1913/1991), onde Freud vai formular o conhecido mito científico da horda e seu pai, e a discussão do totemismo vai servir de pretexto para falar do Complexo de Édipo e da angústia de castração.

Ambivalência frente ao pai, o seu assassinato e o arrependimento transformado em sentimento de culpa ou angústia social criariam uma cumplicidade capaz de unir os filhos, para expiação coletiva da culpa, unindo todos em torno de um mesmo totem, depois em torno dos deuses e da própria moral, criando, assim, o social. Chama a atenção, aí, o método freudiano, que transforma em “cenas” o relato antropológico de Smith, cenas psicanalíticas, uma outra cena, latente, do passado remoto, da infância edipiana da humanidade, digamos.

Por outro lado há na culpa, suposta por Freud, sentida pela morte do pai morto, uma espécie de jogo de “fora-dentro”. Isto é, ao lado da moralidade internalizada, que o assassinato do pai e o pacto entre irmãos permitem, não bastará a culpa e angústia individuais, será preciso refazer a cena primordial através de rituais e cultos, de instituições da ética e da religião, isto é, de elementos externos ao indivíduo. A psicologia profunda de Freud interpreta os dois elementos, o interno e o externo ligando-os estreitamente. Portanto, a psicanálise da moral é a de um interno necessariamente externo, que precisa todo o tempo se externalizar concretamente através do ritual e da instituição.

Pode-se encerrar essa leitura de “Totem e tabu” afirmando que, se a angústia moral ganha uma referência e uma origem fantasmática — o pai internalizado e a sua vingança aliada a leis — do ponto de vista econômico, contudo, a teoria da angústia tóxica pouco resolve, pois a idéia de angústia provinda da libido ou de outras pulsões continua a nos confundir. Vemos, pois, todo o esforço freudiano para dar coerência a uma primeira teoria da angústia, sustentada de maneira pouco confortável até a sua modificação e unificação.

Seguindo, vejamos algo de “Futuro de uma ilusão” (1927/1990), onde a angústia vai adquirir a qualidade do desamparo humano¹².

¹². Talvez não seja somente a guerra que inspira Freud, mas sabe-se que, nesse momento, o mestre de Viena trava uma

A *Hilflosigkeit* — desamparo, “desajuda” — que vimos em “Inibição sintoma e angústia” (1926/1991), em “Futuro de uma ilusão” (1927/1991), Freud vai relacioná-la ao desamparo frente à natureza e aos prejuízos impostos por ela. Daí a necessidade do homem em transformar aquilo que tanto o atemoriza em sua fonte de proteção e a criação de inúmeras representações. A religião, assim, aparece no texto freudiano como uma espécie de neurose infantil da humanidade. Neurose como reação infantil e inadequada ao perigo.

Não obstante, em “Futuro de uma ilusão” (1927/1991) esse mesmo tema do desamparo é abordado tendo o autor o objetivo de torná-lo universal, para o que Freud vai recorrer à filosofia, principalmente, supõe-se, ao pensamento de Feuerbach (1845/1989). Ao examinar esse último, surpreende a semelhança entre as idéias desses dois autores. E isso sobretudo no que concerne às idéias de homem desamparado frente à natureza, de ambivalência frente àquilo que nos provoca medo, mas que ao mesmo tempo se constitui na fonte da nossa proteção e da religião como remédio ilusório contra o desamparo através da figura de um pai protetor. E, ainda, quanto à idéia freudiana de uma educação anti-religiosa, pode-se supô-la aí implícita na idéia de Feuerbach de uma religião da natureza. Uma religião natural é, em Feuerbach, aquela que não reconhece a divindade, mas que reconhece a natureza, sobretudo a morte, e a aceita humildemente¹³. Outros autores podem também estar aí implícitos, tais como Hobbes (1651/1988) e James Frazer (1890/1996), porém o que há de diferente em Freud é que, entre o discurso dos filósofos e o fenômeno religioso ele interpõe a psicanálise, como se ela fosse uma espécie de bisturi que vai penetrar no fenômeno já pensado. Ao final, é a figura do pai que vai ser interposta.

Mas, é possível supor que o que há de mais importante — e de novo — em “Futuro...”: é a ligação do desamparo com o chamado “complexo paterno”. O próprio Freud o reconhece, quando coloca na boca do seu antagonista imaginário a idéia de que Freud estaria sendo arbitrário ao substituir tudo que dissera sobre o pai, em “Totem e tabu”, pela idéia de desamparo. Mas, o que uniria os dois momentos, o de “Totem e tabu” e o de “Futuro”, diz-nos o autor, é a conexão possível entre o desamparo humano em geral, que, viu-se, já está em Feuerbach, e o desamparo da criança, que nos

leva imediatamente à figura do pai protetor. Ora, desse modo, mediando os dois momentos teóricos está justamente o reaparecimento da teoria do trauma, em “Mais além do princípio do prazer” (1920/1991), unificando, assim, a teoria da angústia pela sua explicação genérica de reação ao perigo.

É aí que reaparece em cena a mãe, em “Futuro...”, como garantia de sobrevivência e objeto de amor. No plano teórico, ela permite a intervenção da teoria do apoio (da irrupção da sexualidade sobre a base dos impulsos de sobrevivência¹⁴). Trata-se de uma espécie de primeira proteção frente à angústia, do pára-angústia, de que se falou acima e, de certa forma, do pára-excitações do “Projeto” e, depois, de “Mais além do princípio do prazer” (1920/1991). No desenvolvimento, diz Freud, essa função é atribuída ao pai, e permanece assim durante toda a infância. A idéia de perigo e proteção aponta para uma espécie de três pais: a mãe, como protetora; o pai, que toma o seu lugar, porque mais forte, e Deus, pai que limita todos os pais.

Essas idéias, que parecem novas, podem contudo ser encontradas já em um trecho de “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” (1910/1991) — escrito dezessete anos antes de “Futuro...”. Ali, Freud já se refere ao desamparo do homem e sua necessidade de imaginar um Deus onipotente e uma Natureza bondosa, à imagem e semelhança dos pais da infância. Essas idéias, é verdade, Freud as considera banais na época e, somente mais tarde, quando a autoconservação e o perigo reúnem-se com a sexualidade sob a categoria de libido narcísica, é que serão desenvolvidas. Desse modo não é gratuito o fato de estarem novamente num texto de 1927 (“Futuro...”).

O desamparo/angústia, então, é o motor da ilusão e, na medida em que relacionado ao desamparo infantil, ilusão será criação de um pai divino. Mas, é preciso renunciar, diz-nos Freud — e aí vemos algo da religião natural — renunciar às ilusões, aceitando o mundo dos homens e da natureza exatamente como é. E nesse mundo rege, em última instância, a morte. Ora, essa mesma idéia de renúncia já a encontramos em “Considerações sobre a morte e a guerra” (1915/1991), mas em “Futuro de uma ilusão” (1927/1991) ela ganha precisão, pois está ligada ao desamparo frente ao mundo e relacionada à noção de perigo e trauma. Perigo agora, desde “Inibição

luta explícita contra a morte, acometido por um câncer. A esse respeito vale a pena consultar Max Schur (1981)

¹³. De algum modo, o tratamento psicanalítico pode ser assim pensado ...

¹⁴. Apoio ou análise. J. Laplanche será quem vai levar essa palavra à categoria de conceito, utilizando a tradução “étayage”, que é “apoio” pendendo para o sentido de arrimo. Vide J. Laplanche e J. B. Pontalis. *Vocabulário da psicanálise*.

sintoma e angústia” (1926/1991), tem uma definição mais precisa: é o que ameaça romper a “vesícula”, é o que se aponta como possibilidade de trauma, e aí cabe também o perigo pulsional. Ora, e quanto à angústia, a partir de então qualquer angústia passa a ser considerada como reação ao perigo. A angústia do neurótico, viu-se, Freud a supõe vinculada a angústias correspondentes a situações de perigo já ultrapassadas.

Pode-se perguntar, então, se haveria, devido às mudanças na teoria da angústia, mudanças na teoria da cultura. Talvez haja não uma nova teoria. O que há é o surgimento, sim, de uma teoria: o que há antes não forma uma teoria psicológica unificada mas, sim, pequenas teorias esparsas sobre o totemismo, sobre a guerra, sobre a nervosidade e, mesmo sobre a religião.

A nova aceção de angústia, que traz a noção de perigo, unifica em torno de si todas as angústias, a neurótica, a realista, a moral e, assim, permite também unificar as diversas proposições sobre a cultura (e sobre as neuroses) dispersas ao longo da obra de Freud, de tal maneira que a *Hilflosigkeit* torna-se a origem explicativa da cultura e da sua teorização. A partir de “Futuro de uma ilusão” (1927/1991), onde Freud considera o desamparo como origem da humanização e da teoria de apoio; há uma integração das teorias em torno da civilização e da sociedade. Se aí, pois, pode-se encontrar a origem dessa unificação teórica para a cultura e sociedade, será em “Mal-estar na civilização” (1930/1991), sobretudo com a ênfase na idéia de renúncia, que vai se situar o apogeu dessa teoria genérica.

Dessa maneira, Mello Neto leva-nos ao último percurso do seu trabalho, e pelo mesmo método, “por analogias”, mas aplicado ao próprio pensamento de Freud, o pesquisador nos apresenta a sua leitura de “Mal-estar na civilização” (1930/1991), buscando em textos anteriores as sementes da sua criação, como o fez até agora.

“Mal-estar na civilização” (1930/1991) expõe-se como uma continuidade de “Futuro de uma ilusão” (1927/1991), e talvez não haja nada de inteiramente novo no seu teorizar, a não ser a generalização, para a cultura como um todo, daquilo que Freud já dissera sobre a religião.

A religião, para Freud, aparece como uma das formas de evitação da angústia, na tentativa de restituir o narcisismo original, buscando a proteção de um pai, o pai da infância — forma um pouco diferente de dizer o mesmo que é “Futuro...”. A finalidade da vida, por sua vez, seria a evitação do desprazer. Isso implicaria em ter de suportar as restrições pulsionais, restrições (renúncias), das quais - o leitor deve se lembrar - Freud retira os primeiros escritos sobre a

angústia de pulsão. Assim, a religião não somente propor-se-ia a evitar o sofrimento, mas também a abrir um caminho para a busca de felicidade, garantida através da infantilização psíquica e inserção do sujeito num delírio coletivo. Ora, Freud havia proposto, desde “Futuro...”, que o sofrimento principal é aquele do ser frente à inevitabilidade do sofrimento — angústia de desamparo.

Em “Mal-estar...”, evidentemente, estamos mais próximos dessa segunda teoria da angústia, porque a angústia básica, que leva em direção ao pai e à cultura, é angústia de desamparo, que se explica pela ameaça do excesso. Entretanto, lembremos ainda que, para a primeira teoria da angústia, também se trata da insatisfação pulsional e também do excesso (da não-descarga)...

Haveria, continua Freud, incompatibilidade da cultura e do amor direto, este último impedindo que a libido se desvie da sua finalidade sexual, o que, por sua vez, impediria a formação de grupos mais extensos, como fora apontado em “Psicologia de massas a análise do eu” (1921/1991). O amor sexualizado restringiria o contato social, é o que Freud afirma desde “Totem e tabu” (1913/1991), e essa seria a explicação para um suposto antagonismo entre a família e a sociedade mais ampla. Assinale-se aqui a dupla face de Eros dentro da própria família. Poder-se-ia supor que Freud a vê ao mesmo tempo como sustentáculo da cultura e da anticultura, porque família é lugar tanto do amor dessexualizado quanto daquele sexualizado. Embora este último esteja aí plenamente limitado e institucionalizado, pode-se pensar num antagonismo dinâmico não só entre família e sociedade, mas entre esses dois amores dentro da própria família. É assim que a família é um lugar de educação pulsional, mas também de sedução.¹⁵

Os vínculos amorosos desviados na sua finalidade, na suposição de Freud, funcionariam como antídoto contra o maior inimigo da cultura, a pulsão de destruição. Trata-se, aí, evidentemente, de um desenvolvimento do que em “Psicologia de massas e análise do eu” (1921/1991) aparece como a dessexualização pulsional, que propicia a identificação “simpática” entre os sujeitos. Já desde “O ego e o id” (1923/1991) que Freud deriva a pulsão de morte em pulsão destrutiva e a hostilidade liga-se a todo um princípio pulsional diferente de Eros¹⁶. A cultura,

¹⁵. Pode-se tentar incluir aí algo da teoria da sedução generalizada de J. Laplanche (1992).

¹⁶. Note-se que ele não o fizera em “Além do princípio do prazer”. Aí, a pulsão de morte é silenciosa e tem a ver com o morrer, como volta a estados anteriores, mas não com os impulsos destrutivos do homem. Até “O eu e o isso”, esses

continua Freud, pouco teria alcançado, mesmo quando consegue canalizar a hostilidade através do Direito, punindo o agressor. Ao discutir o fundamento do Direito, em “Mal-estar na civilização”, Freud, evidentemente, discute o *supereu*, o que, para o interesse deste artigo, significa o retorno ao problema da angústia. Há, pois, aí, uma dupla referência à angústia: aquela do desamparo, quando Freud discute a religião e os paliativos da alma, e aquela transformada numa outra angústia, angústia moral, ou frente ao *supereu*.

Mas, mesmo que Freud saliente, desde “Futuro”, a novidade da angústia de desamparo, parece não haver nada de novo. Desde o “Projeto...” (1895/1950/1991), Freud fala da situação de desamparo do infante e, desde “Inibição, sintoma e angústia” (1926/1991), a angústia é vista como reação ao perigo de desamparo. Mesmo a situação de trauma de sedução, que explicava as neuroses nos anos 1890, refere-se ao desamparo. Desamparo da criança frente ao adulto e sua sexualidade, indecifrável para ela, assim como frente à cena primitiva. Isso talvez justificasse a introdução, aí, da atual teoria da sedução generalizada de Laplanche (1992).

Em “Inibição sintoma e angústia” (1926/1991), as idéias de perigo e de desamparo infantil juntam-se num mesmo nexos; em “Futuro de uma ilusão” (1927/1991) isso é relacionado ao desamparo humano em geral. É desse modo que a angústia, explicada pelo perigo e desamparo, será o primeiro motor da civilização. Já em “Mal-estar...” (1930), vai-se encontrar o resultado do trabalho de Freud “atando” e relacionando teorias localizadas, fragmentos de teorias, para criar uma explicação psicológica mais global da cultura, cuja base seria a angústia de desamparo. Essa união de teorias, ou de fragmentos de teorias, só é então possível pela introdução, em “Inibição, sintoma e angústia” (1926/1991), do conceito de perigo e trauma para a explicação da angústia e da neurose, o que constitui uma grande contribuição, pois permite a integração da teoria da neurose com a teoria da cultura — daí a possibilidade de relação entre desamparo infantil e desamparo existencial humano. Há muito que Freud explicava a religião pelo desamparo, mas o mesmo não se dava com a neurose, embora de algum modo isso se insinuasse aí desde a teoria da sedução. No extremo inicial da cultura e da aculturação do ser estará a angústia de desamparo, no extremo final, estará

novamente a angústia, o mal-estar, a angústia frente à renúncia.

O conceito de *supereu* aí é uma espécie de “acabamento” do de angústia. Teríamos a seqüência genética que parte da angústia frente à perda de amor, passa por aquela frente à autoridade e chega à angústia frente ao *supereu*. Frente ao *supereu*, nada pode ser ocultado. A angústia, assim, seria a causa da renúncia pulsional, e cada renúncia faria aumentar a intolerância do *supereu*. Daí, novas angústias surgiriam, pois. Em “Mal-estar na civilização” (1930/1991), a renúncia à pulsão hostil permite a permanência da mesma hostilidade, mas numa outra cena, a interna, e, assim, a severidade do *supereu* não seria apenas fruto da autoridade internalizada, mas seria derivada do próprio impulso hostil coartado. Desse modo, a severidade do *supereu* não decorreria direta e proporcionalmente da autoridade externa, e isso coloca uma certa **mediação** entre o social externo e a moralidade interna.

Freud retoma “Totem e tabu” (1913/1991), onde afirma que o sentimento de culpa da humanidade se origina do complexo de Édipo, adquirido no parricídio originário. Mas, para que não se perca o nexos entre a culpa — angústia moral — e a ambivalência em relação ao pai, é preciso lembrar que em “O ego e o id” (1923/1991), o *supereu* é considerado o descendente direto do complexo de Édipo. Eis então o grande momento da obra freudiana acerca da cultura — o que se iniciaria com o pai primitivo continuaria com a massa e seu líder e se reproduziria no surgimento de cada *supereu* infantil — porque diversos fragmentos teóricos, como a angústia, a teoria das massas, a teoria da formação do *supereu* encontram, em “Mal-estar...” a sua junção e acabamento teórico. Dessa maneira, se a cultura é mantida por Eros e se amplia para grupos maiores, ela tem no sentimento de culpa o seu reforço, herdeiro da ambivalência afetiva, mas principalmente da angústia infantil, vista como perigo desde 1926. O desenvolvimento cultural tem, então, para Freud, o preço de um grande mal-estar na cultura; esse mal-estar, já foi dito, é a própria angústia.

Enfim, a angústia, nesse contexto, o freudiano, é a causa da inevitável maneira de o homem ser no mundo: de uma pequenez extrema frente à natureza, inclusive à sua própria, e diante do pai e da castração. Um ser desvalido e necessitado imensamente de ser amado, amor com que tenta desfazer imaginariamente esse mesmo desamparo.

No “Mal-estar...”, apesar de talvez não trazer nenhum elemento novo, surpreende, por, de maneira original e cuidadosa, enlaçar tudo aquilo que se

impulsos são explicados pelas pulsões do eu e por certos componentes da própria libido. A esse respeito, ver “Pulsões e destinos das pulsões” (1915/1991, vol. XIV)

espalha ao longo da obra de Freud, que, um pouco como o inconsciente, apresenta uma certa “atemporalidade”. Vimos como uma mesma idéia — a da angústia — é apresentada em diferentes períodos e em contextos teóricos diferentes, para, finalmente, tomar uma forma, um acabamento mais sofisticado.

Buscou-se, aqui, além de fornecer uma fonte de estudo e compreensão do trabalho freudiano, mostrar ao leitor os momentos da construção teórica e a gênese das idéias em torno da angústia. E, finalmente, apresentou-se um Freud que, por força da angústia, exprime o seu filosofar em torno da vida, da morte e da culpa e descobre o grande engodo da humanidade: acreditar ser possível ser auto-suficiente..

REFERÊNCIAS

- Ferenczi, S. (1918/1992). *Dois tipos de neurose de guerra (histeria)*. Em *Obras Completas*. Vol. II. São Paulo: Martins Fontes.
- Feuerbach, L. (1845/1989). *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas, SP: Papirus.
- Frazer, J.G. (1890/1996). *La rama dorada: magia y religión*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Freud, S. (1915/1987). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1886-1939/1991). *Obras Completas*. (J.L. Etcheverry, Trad). XXIV vols. Buenos Aires: Amorrortu.
- Hobbes, T. (1651/1988). *Leviatã ou matéria: forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Em *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- Kant, I. (1788/s.d.). *Crítica da razão prática*. São Paulo: Brasil.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1960/1987). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mello Neto, G.A.R. (1997). *Le social dans la construction freudienne de la psychanalyse*. Paris: L'Harmattan.
- Mello Neto, G.A.R. (2000). *Angústia e sociedade na obra de S. Freud*. Campinas, São Paulo: Ed Unicamp, no prelo.
- Rank, O. (1923/1985). *El trauma del nacimiento*. Buenos Aires/Barcelona: Paidós .
- Schur, M. (1981). *Freud: vida e agonia*. III vols. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 30/08/2002

Revisado em 15/09/2002

Aceito em 30/10/2002